

CNN dos pobres

Toni C*

Uma batida seca com a coronha do revólver no vidro lateral do carro estilhaça o silêncio daquela noite sem lua.

- Vai, vai, vai! - grita o encapuzado, apontando a arma niquelada para o rosto do motorista que treme, enquanto pede o que não tinha:

- Calma!

Essa é uma forma de falar da comunicação e de sua importância. A outra forma é contando alguns fatos verídicos.

Como na sexta-feira, por exemplo, quando li em meu celular o e-mail me convidando para comparecer com estas linhas. Foi o dia da estreia na internet do documentário, de minha autoria, *É tudo nosso! O Hip-Hop fazendo história*, gratuito e em alta definição. Toda semana um novo capítulo, us manos tem acompanhado igual novela. Foi também neste dia que fui assistir ao filme *Videolência*. Produção de jovens da periferia que começam a reconstruir a 7ª arte social. Cinema com denúncia, protesto, cultura e política, tudo junto e misturado. Para não complicar, eles se referem a tudo isso simplesmente como Cinema Popular.

No dia anterior havia participado do Ato contra o AI-5 Digital, como vem sendo chamado o Projeto de Lei do senador Eduardo Azeredo. Que pretende decretar a ditadura digital na internet e em equipamentos eletrônicos. Punindo até com cadeia hábitos do nosso cotidiano, como baixar música e trocar arquivos. Além de instituir a vigilância completa de tudo que fazemos em nosso computador. Nem o Dops tinha tamanho controle.



Sucata tecnológica

É inevitável tudo isso me lembrar um grande pensador brasileiro, reconhecido no mundo inteiro de nome Milton Santos. Que dizia que a revolução virá do oprimido, que será construída a partir da sucata tecnológica da burguesia. Falava iluminado pela pele preta, cabelos brancos e sorriso largo.

Ué!? Não foi isso que fizeram os jovens dos guetos diante da mudança tecnológica do surgimento dos CD's de música? Viram as lixeiras dos becos sujos cheias de velhos discos de vinil e aparelhos de som jogados fora. E transformaram os toca-discos em instrumentos musicais. Surgiu assim o DJ e, conseqüentemente, o hip-hop.

Isso volta a acontecer quando a tecnologia digital criada por eles impede que reconheçamos a diferença entre o original e a cópia.

Qualquer ação de comunicação é uma tentativa legítima de transformar o mundo.



Homem-placa no centro de São Paulo

Nas quebradas não tem cinema, nem teatro. Mas é onde os orelhões não são depredados, onde as *lan houses* são mais cheias e mais baratas e onde é preciso ter TV a gato para poder ver emissoras educativas.

Se a rapaziada com tênis furado, discos velhos e resto de tinta criou a primeira contracultura globalizada da história da humanidade, imagina o que não esperar dos computadores obsoletos que são descartados nas lixeiras. Da metareciclagem movido a tecnologia para transformação social. Dos softwares livres de impostos e restrições. Dos campeões de *playstations* na quebrada. Das editoras populares, produzindo livros da e para a periferia. Das rádios e TVs comunitárias. Dos que são rotulados de alienados extraindo de PCzinhos bichados pancadões de funk's cariocas. Imagina!

Qualquer coisa comunica nós!

Vi em algum lugar, já não me lembro onde, que qualquer ação de comunicação é uma tentativa legítima de transformar o mundo.

Engraçado é que podem achar que sou demasiadamente romântico: "Onde já se viu!? Periferia é periferia, comunicação é para os acadêmicos, para os profissionais..."

E lá estava eu preparando o vídeo de sete anos do Portal Vermelho, entrevistando o jornalista Luiz Carlos Azenha, quando ele, fazendo menção ao pensamento de Milton Santos, disse que as elites andam atordoadas, pois nunca antes os pobres no mundo tiveram tanto poder de intervenção. Produzindo conteúdos, arte, idéias. E eu, um moleque saído de Carapicuíba, filmando tudo com equipamento digital moderno do ponto de cultura.

A primeira vez que ouvi falar de rádio e TV comunitária foi ainda criança. Eu tinha um vizinho de apelido Sansão, que é meio cientista, meio nerd, meio gênio, apesar de ser um jovem maloqueiro igual a nós. Já mexia em computadores, coisa rara naqueles tempos, cursava eletrônica e desenvolveu com os colegas de curso um transmissor FM e UHF. Criaram uma TV que batizaram de Canal Menos, e uma rádio. Foi lá que ouvi falar pela primeira vez sobre a Guerra do Paraguai, tá ligado? Também lá ouvi os primeiros alertas para tomar cuidado com CFC, assunto do momento, gás nocivo à camada de ozônio. Só depois fui entender que os caras falavam CFC de forma irônica, se referindo a um ministro aspirante à Presidência da República com sigla também nociva, FHC.

Outro dia, folheando a revista da GOL enquanto fazia a outra globalização possível, li o redator escandalizado perguntar ao leitor: "Sabe quem foi o primeiro da redação a ter um MP7 importado com telefone, tocador de música, televisão...? Não foi o editor de tecnologia da revista, não foi nenhum jornalista, nem a secretária. Foi o motoboy da empresa."

Na Venezuela, durante o sinistro golpe que foi sobretudo um golpe midiático, enquanto o presidente Hugo Chávez estava sequestrado as emissoras reprisavam Tom e Jerry. Pequenos sites, jornais populares e rádios comunitárias se esforçavam para fazer comunicação contraofen-

Você acha que é à toa que o símbolo da maior emissora de TV do país é um olho azul, que quando pisca faz som de caixa registradora: plin-plin!?

siva. Motoboy que circulam toda a cidade se tornaram, literalmente, veículos de comunicação. Batiam nos postes de metais dos bairros populosos para que a periferia descesse os morros mobilizando as manifestações que restituíam seu presidente.

À toa

Não é à toa que a cidade de São Paulo se tornou a cidade proibida. Proibiram os meios populares de se comunicar: os cartazes lambe-lambe, a distribuição de jornais gratuitos nos faróis e até gritarem nas feiras livres. Não é à toa que o rap em São Paulo está proibido. Não é à toa que uma das parlamentares mais atuantes na área de democratização dos meios de comunicação, a deputada federal Luiza Erundina, quando prefeita de São Paulo foi uma das maiores responsáveis pelo desenvolvimento do hip-hop. Não é à toa que Chuck D, líder do grupo Public Enemy, chama o rap de CNN dos pobres. Você acha que é à toa que o símbolo da maior emissora de TV do país é um olho azul, que quando pisca faz som de caixa registradora: plin-plin!?

Não. Não é à toa.

4º poder

Os meios de comunicação se tornaram a acrópole moderna. Eram conhecidos como o quarto poder: julgam, sentenciam e punem ao vivo pessoas e instituições. Mas quem discute a imprensa?

Está no ar uma campanha criminalizando a política. Assim é a imprensa, que passa a exercer função de partido político da burguesia. Deixou de ser o quarto para se tornar o primeiro e por vezes o único poder.

Por isso mesmo, todos esses exemplos que dei de quilombos informacionais de resistência não bastam. No mundo digital, tudo vira zeros e uns e a única coisa que impede que uma rádio digital se torne uma TV é a legislação. Sendo assim, dos homens-placa ao tiozinho do carro da pamonha, incluindo toda a juventude das periferias produzindo comunicação, todos precisam descer os morros, devemos invadir a Conferência Nacional de Comunicação. Participar das etapas estaduais, dos comitês preparatórios. Pois, como dizia Aberlado Barboza, "Quem não se comunica..." Ah, você já sabe!

* * *

Uma batida seca com a coronha do revólver estilhaça o silêncio daquela noite sem lua.

- Vai, vai, vai! – grita o encapuzado, apontando a arma niquelada para o rosto do motorista que treme, enquanto pede o que não tinha:

- Calma!

Coloca a mão no bolso do paletó. E, antes de poder entregar sua carteira ao assaltante, é cravejado de tiros à queima-roupa.

O assaltante havia pensado que o motorista reagiria.

Essa é a outra forma de dizer a importância da comunicação. Ela pode poupar nossas vidas.

Pelo menos foi isso que vi refletido no lençol.

A tela do cinema, que foi exibido na favela. 🎬

* **TONI C.** é DJ e produtor cultural. Coordenador do livro e do ponto de cultura Hip-Hop a Lápis, é autor do vídeo-documentário *É tudo nosso! O Hip-Hop fazendo história*. É também membro da Nação Hip-Hop Brasil e da equipe do Portal Vermelho.